

PESQUISA QUALITATIVA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: DISCUTINDO QUALIDADE

(QUALITATIVE RESEARCH IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY: DISCUSSING QUALITY)

(INVESTIGACIÓN CUALITATIVA EN LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA: DISCUSION DE CALIDAD)

RESUMO

O presente artigo visa discutir a qualidade da pesquisa qualitativa no ensino de geografia. Para o mesmo, apontamos teoricamente quais seriam os aspectos desta “qualidade”, identificando seu caráter formal e político. Primeiramente, refletimos sobre a falsa dicotomia entre a abordagem quantitativa e qualitativa, compreendendo que ambas são intrínsecas e concomitantes no processo de pesquisa. Posteriormente, debatemos a representatividade da pesquisa qualitativa diante das regras probabilísticas, da concepção positivista da ciência e de suas possibilidades interpretativas através da dialética e da fenomenologia. Do mesmo modo, assinalamos que a qualidade política se vislumbra através do pensamento crítico e reflexivo do pesquisador sobre suas escolhas teórico-metodológicas, sobre aquilo que investiga e produz como resultado final de seus estudos. Ao final, constatamos que a qualidade formal e política da pesquisa qualitativa no ensino da geografia relaciona-se a compreensão epistemológica da ciência geográfica, que consequentemente orienta as intencionalidades filosóficas, ideológicas, os esforços práticos e o olhar do pesquisador sobre as condições sociais que se apresentam o objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Geografia; Ensino; Pesquisa; Qualitativa.

ABSTRACT

This article aims to discuss the quality of qualitative research in geography teaching. For the same, we point out theoretically what are the aspects of "quality", identifying its formal and political character. First, we reflect on the false dichotomy between quantitative and qualitative approach, including both intrinsic and are concomitant in the research process. Subsequently, we discussed the representation of qualitative research on the probabilistic rules, the positivist conception of science and its interpretive possibilities through dialectic and phenomenology. Similarly, we note that the quality policy glimpsed through critical and reflective thinking of the researcher about their theoretical and methodological choices on what researches and produces the final result of their studies. At the end, we find that the formal policy and quality of qualitative research in the teaching of geography relates to the epistemological understanding of geographical science, which in turn guides the philosophical and ideological intentions, the practical efforts and look of the researcher on the social conditions that present the research object.

Keywords: Geography; Teaching; Research; Qualitative.

RESUMEM

Este artículo tiene como objetivo discutir la calidad de la investigación cualitativa en la enseñanza de la geografía. Por lo mismo, señalamos teóricamente cuáles son los aspectos de "calidad", la identificación de su carácter formal y político. En primer lugar, se reflexiona sobre la falsa dicotomía entre el enfoque cuantitativo y cualitativo, tanto intrínseca y son concomitantes en el proceso de investigación. Posteriormente, se ha hablado de la representación de la investigación cualitativa sobre las reglas de probabilidad, la concepción positivista de la ciencia y sus posibilidades interpretativas a través de la dialéctica y la fenomenología. Del mismo modo, se observa que la política de calidad vislumbró a través del pensamiento crítico y reflexivo del investigador acerca de sus opciones teóricas y metodológicas sobre lo que investiga y produce el resultado final de sus estudios. Al final, nos encontramos con que la política formal y la calidad de la investigación cualitativa en la enseñanza de la geografía se refiere a la comprensión epistemológica de la ciencia geográfica, que a su vez orienta las intenciones filosóficas e ideológicas, los esfuerzos prácticos y mirada del investigador sobre las condiciones sociales que presentan el objeto de la investigación.

Palabras Claves: Geografía; Enseñanza; Investigación; Cualitativa.

Alan Fernandes dos Santos

Mestrando do Programa de Pós
Graduação em Geografia (UFSC)
Campus Universitário Reitor João David
Ferreira Lima. Trindade – Florianópolis –
Santa Catarina – Brasil. CEP: 88040 - 900
alanimarui@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Na atualidade, um tema em crescente discussão é a qualidade do ensino escolar no Brasil. Questionar esta qualidade nos remonta a inúmeros aspectos que, amplamente, relacionam e corresponsabilizam escola, universidade, Estado e a sociedade civil organizada.

O ensino de geografia compõe parte deste universo e traz consigo este mesmo compromisso. Inclusa como disciplina no ensino fundamental e médio, ela possibilita e constrói junto aos alunos uma identificação, análise e ressignificação do espaço geográfico, através de um olhar crítico sobre o mesmo.

Diante disto, constatamos um aumento das pesquisas acadêmicas ligadas à área do ensino de geografia. Estas vislumbram temas que abrangem assuntos de cunho teórico (conteúdo curricular), pedagógico e metodológico (prática de ensino), e podem se apresentar de forma separada ou em conjunto.

Contudo, já é válido afirmar de antemão que a quantidade de estudos acadêmicos vinculados ao ensino da geografia ainda são aquém do desejado e correspondem a uma ínfima parte do total de pesquisas, monografias, dissertações e teses produzidas nesta ciência. Apesar da disciplina “geografia” já estar presente no currículo das escolas há muito tempo e, portanto, merecer uma tratativa e importância mais devida.

Diante da complexidade enfrentada no ambiente educativo, a abordagem qualitativa torna-se uma das possibilidades mais viáveis para investigar o ensino da geografia e os diversos atores que participam deste processo.

Nesse sentido, situamos a pesquisa qualitativa no ensino da geografia como um tema de extrema relevância, pois necessitamos desenvolver e discutir teórica e metodologicamente as condições, os desafios e as benesses de se construir um ensino de geografia com maior qualidade e compromisso ético para com o aluno e conseqüentemente, para com a sociedade. Além disso, discuti-la nos remete a considerar e refletir sobre a qualidade das produções acadêmicas e publicações científicas nesta ciência.

A discussão perpassa uma primeira compreensão do que seja esta “qualidade”. Ao abordamos este tema, utilizamos as considerações de Demo (1998), ao afirmar que é possível reconhecer uma qualidade formal, bem como uma qualidade política sobre a pesquisa qualitativa. Através desta análise relacionamos nossas reflexões sobre o tema central aqui abordado: a qualidade da pesquisa qualitativa no ensino de geografia.

A QUALIDADE FORMAL

Demo (1998) sinaliza a qualidade formal como a perfeição dos meios, dos instrumentos e dos procedimentos, referindo-se essencialmente ao conhecimento. Este regramento é possível de ser encontrado em muitos livros, no qual se expõem os tipos, as maneiras e as características da pesquisa e da produção de cunho acadêmico. Porém, queremos avançar neste ponto, pois entendemos que a informação formal já está contida nestes manuais. Neles não há propriamente uma reflexão, mas sim um conjunto de informações muito bem elaboradas e organizadas. É necessário avançar sobre outros aspectos incluídos no meandro desta qualidade formal. Assim, elegemos alguns assuntos dentro da pesquisa qualitativa que, apesar de importantes, não são costumeiramente

discutidos dentro desta formalidade. Os temas a serem discutidos a seguir são: a relação entre pesquisa qualitativa e quantitativa e a sua representatividade perante a população almejada como estudo.

O caráter qualitativo e quantitativo: dois lados de uma mesma moeda

62

Bradshaw; Stratford (2005) diferenciam a pesquisa qualitativa como intensiva e a quantitativa como extensiva. Isto porque na primeira há o aprofundamento da investigação, enquanto que a última visa estabelecer relações estatísticas de semelhança e diferenças entre os membros de uma população.

No processo de produção do conhecimento, Chizzotti (2003) ressalta que o debate qualitativo versus quantitativo revigora, de um lado, a contestação do modelo único de pesquisa, a crítica à hegemonia dos pressupostos experimentais, ao absolutismo da mensuração e à cristalização das pesquisas sociais em um modelo determinista, causal e hipotético dedutivo: adensam-se as críticas aos pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos do modelo convencional, reconhecendo-se a relevância do sujeito, dos valores, significados e intenções da pesquisa, afirmando a interdependência entre a teoria e a prática, a importância da invenção criadora, do contexto dos dados e da voz dos atores sócias. De outro lado, a pesquisa qualitativa, ainda atada ao positivismo, empenha-se em dar uma fundamentação rigorosa e formalizar os métodos científicos qualitativos, recorrendo a algum expediente quantitativo.

Compreendendo este cenário mencionado anteriormente, colocamos em discussão este debate entre o qualitativo e o quantitativo, acreditando que não exista de fato, tal condição no decorrer da prática da pesquisa e muito menos no entendimento do pesquisador.

Winchester (2005) coloca que esta aparente ou real dicotomia entre pesquisa qualitativa e quantitativa, traz um embate entre objetividade (quantitativo) e subjetividade (qualitativo). Contudo, a autora supera este estereótipo ao afirmar que se admitirmos que a subjetividade seja inerente a todos os métodos de pesquisa, reduzirá drasticamente esta dicotomia. Valores, crenças, ideologias são fatores intrínsecos de qualquer pesquisador em sua jornada de estudos, porque antes de tudo estes são seres humanos. Diante deste aspecto, admitidos que a própria racionalidade positivista assuma um caráter subjetivo e ideológico, mesmo que seja por ela contestada e renegada.

Atualmente, aspectos subjetivos, antes negligenciados, acabam por tornarem-se peças chave no processo de investigação. É comumente afirmar que estas mudanças ocorrem no campo teórico-metodológico não apenas por um desenvolvimento na área acadêmica, mas sim porque a geografia precisa responder as questões que a sociedade anseia, em diferentes períodos históricos e conjunturas sociais, econômicas, políticas e culturais. Assim, complexificam-se as relações, e conseqüentemente os meios ou maneiras para se entender determinados fenômenos também precisam ser ressignificados, e junto com eles uma transformação no seu cabedal teórico e metodológico. Nesse sentido, percebe-se que a geografia partiu historicamente de uma escala de interpretação do geral (relação entre homem e meio) e foi gradativamente também se preocupando com aspectos vinculados ao caráter individual, ligados ao “eu” (relação entre homem e o lugar).

Demo (1998, p. 92) reafirma o posicionamento de Winchester (2005) ao dizer que:

não faz sentido apostar na dicotomia entre quantidade e qualidade, pela razão simples de que não é real. Pode-se, no máximo, priorizar uma ou outra, por qualquer motivo, mas nunca para insinuar que uma se faria a expensas da outra, ou contra a outra. Todo fenômeno qualitativo, pelo fato de ser histórico, existe em contexto também material, temporal, espacial. E todo fenômeno histórico quantitativo, se envolver o ser humano, também contém a dimensão qualitativa. Assim, o reino da pura quantidade ou da pura qualidade é ficção conceitual.

A citação acima corrobora o entendimento de que a pesquisa qualitativa se vale de aspectos quantificáveis, mesmo que estes não sejam exatos ou delimitados numericamente. Da mesma forma, a pré e pós-produção de dados quantitativos perpassa uma análise qualitativa. Nesse sentido, informações quantificáveis numericamente não correspondem ao fim de determinado estudo, pois é a interpretação do mesmo que o torna ou o caracteriza como conhecimento.

Ao longo da história da produção do conhecimento o quantitativo e o qualitativo configuraram-se como divergentes, pois possuíam diferentes concepções filosóficas, ontológicas, teóricas e metodológicas. Contudo, é chegada a hora de encará-los como complementares. Ambos possuem aspectos positivos e negativos. De certa forma, negligenciá-los é desconsiderar as inúmeras possibilidades de aprendizado e conhecimento que podemos obter, utilizando-os com o devido equilíbrio e prudência.

A representatividade da pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa reúne, segundo André (2001), um conjunto diversificado de perspectivas, métodos, técnicas e análises, compreendendo estudos do tipo etnográfico, estudos de caso, pesquisa participante, pesquisa-ação até análises de discurso e narrativas, estudos de memória, histórias de vida e oral.

A pesquisa qualitativa no ensino da geografia utiliza-se desta heterogeneidade metodológica para a realização de suas pesquisas. Contudo, muitas delas não usam métodos probabilísticos para a obtenção da amostra da sua população de análise.

Esta situação evoca a priori um questionamento, ainda que simplista e pouco aprofundado, de que a pesquisa qualitativa não possui representatividade, pois os resultados destes estudos são parciais, específicos e não conseguem trazer evidências fidedignas às problemáticas sociais apresentadas num contexto geral.

Contudo precisamos entender que, apesar de ainda estar atrelada ao positivismo e sua recorrente caracterização do que seja credibilidade, a pesquisa qualitativa busca outros métodos para compreender epistemologicamente sua abordagem, como por exemplo, a dialética.

Para Wachowicz (2001) a dialética é frequentemente utilizada nas pesquisas relacionadas ao ensino. Nela, a compreensão do objeto de estudo deverá contar com a totalidade do processo, estabelecendo as bases teóricas para sua transformação. Assim, a totalidade, a historicidade e a contradição são as categorias metodológicas mais importantes na dialética.

A questão da amostragem aqui, não se atém a referências probabilísticas, pois não se privilegiam a quantidade dos casos estudados, mas sim o potencial de cada um deles para facilitar a compreensão teórica do problema de investigação. Deste modo, Lakatos & Marconi (1992) sustentam que a aproximação dos fenômenos no método qualitativo caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias, estabelecendo uma conexão ascendente.

Outro aspecto a ser levantado e que coaduna com esta compreensão de que a pesquisa qualitativa não precisa necessariamente estar vinculada a leis probabilísticas é o entendimento de Winchester (2005) ao afirmar que experiências individuais estão alicerçadas em estruturas sociais. Assim, determinados comportamentos não são atos isolados, mas inseridos dentro de um contexto social e historicamente construído. Nesse sentido, podemos tomar como exemplo a atuação do professor, pois ainda que o mesmo tenha certa liberdade em sua prática diária, suas ações estão pautadas dentro de uma estrutura jurídica (LDB's e PPP), de um contexto social (o meio escolar) e de uma política educacional nacional implementada de acordo com as especificidades de cada lugar. Assim, análises sobre a atuação do professor de geografia, não recaem apenas sobre a “figura” do docente, mas a toda a conjuntura ao qual o mesmo se encontra. Nesse sentido, é um argumento plausível e que justifica e legitima a pesquisa qualitativa neste campo de estudo.

A QUALIDADE POLÍTICA

Já a qualidade política diz respeito aos valores éticos intrínsecos na pesquisa qualitativa. Nela, encontramos sentido na finalidade a que serve. Demo (1998, p.99) ressalta esta compreensão afirmando que o “conhecimento não vale por si nem em si, mas como meio para realizar os fins e os valores sociais, em termos do bem comum. Qualidade política tem a ver principalmente com a ética do conhecimento, da história, das intervenções”.

Isto, de certa maneira, evoca uma preocupação muito bem relatada por André (2001), que percebe como é difícil conciliar os papéis de ator e pesquisador, buscando o equilíbrio entre investigação e ação, tomando a devida precaução para não sucumbir ao fascínio da ação, negligenciando o rigor que qualquer pesquisa necessita. Contudo (ibidem) também coloca que na educação há uma grande quantidade e diversidade de questões ainda a serem perseguidas, e ater-se a polêmicas só nos deixa cada vez mais longe da realidade.

Porém, Demo (1998) supera esta assertiva ao considerar que não há qualidade política sem que haja primeiramente qualidade formal. Para ele, esta deve ser uma das principais preocupações do pesquisador, pois não há como oportunizar uma política de intervenção se o resultado de determinada pesquisa estiver confusa a “comunidade interpretativa”¹ ao qual se destina. E isto, relaciona-se diretamente a qualidade formal.

Entendido este apontamento, retomamos a ideia de que a qualidade política é capaz de “possibilitar uma compreensão crítico-reflexiva do contexto social, com vista a uma perspectiva especulativa da realidade e, assim, criar condições de intervenção para transformá-la (SILVA, 2009, p.1)”. A geografia e o seu ensino surgem como ferramental analítico capaz de contribuir com esta transformação social. Amparada sobre seus conceitos e categorias de análise ela torna-se uma ciência e uma disciplina escolar profícua a instigar os alunos criticamente, imperando um olhar reflexivo sobre o espaço onde vivem.

A PESQUISA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Ao discutir a pesquisa qualitativa no ensino de geografia devemos considerar o que seja esta geografia, e que aspectos ligados a ela conjugam a qualidade formal e política aqui levantadas.

O tratamento sobre o designativo geográfico coloca em foco os conceitos e categorias de análise ensinadas no âmbito escolar, que acabam por transitar em diferentes temas e conteúdos ministrados nesta disciplina. E estes compreendem parte dos objetos de estudo e pesquisa no ensino da geografia, em nível acadêmico.

Todavia, este corpo teórico não é imutável, pois trouxe consigo diferentes sentidos e representatividades ao longo da história. Assim, tomamos como um aspecto relevante da qualidade formal e política da pesquisa qualitativa no ensino de geografia a epistemologia desta ciência.

A epistemologia ajuda a identificar, analisar e selecionar as escolhas teórico-metodológicas que orientam a pesquisa geográfica. Esta ação parte de uma escolha lógica racional, construída através do desenvolvimento profissional e conhecimento do pesquisador. Assim, parte-se do entendimento que as concepções das diferentes linhas do pensamento geográfico, podem culminar com múltiplos recortes analíticos sobre uma mesma realidade. O reconhecimento desta variedade teórico-metodológica na construção da ciência geográfica relaciona-se diretamente à qualidade formal.

Já a qualidade política encontra-se no pensamento crítico e reflexivo do pesquisador sobre suas escolhas teórico-metodológicas, sobre aquilo que investiga e produz como resultado final de seus estudos. De certa forma, é um compromisso e respeito com os atores sociais que se investigam, que, na maioria das vezes, são os professores, alunos ou as escolas.

O contexto educacional em torno do ato de ensinar geografia é composto por muitas dificuldades. Boa parte dos professores do ensino público possui uma carga horária de trabalho excessiva, trabalhando em mais de uma instituição de ensino para poder compor sua renda. Em função disto, não dispõem de tempo para se atualizarem e capacitarem. Além disso, muitos encontram em sua jornada de trabalho um ambiente e uma infraestrutura escolar debilitada, que não contribui com o processo educativo. Portanto, ao estarem vinculadas as questões relativas ao ensino de geografia, a pesquisa qualitativa assume uma preocupação frente às condições nas quais se ensina e aprende esta disciplina em sala de aula.

Além disso, é importante observar que o método é algo ligado, de modo incontestável, à epistemologia, “sendo impossível separar metodologia da teoria do conhecimento. Portanto quando nos referimos à metodologia do ensino de geografia precisamos nos posicionar de que geografia estamos falando” (CAVALCANTE, 2008, p. 1).

Como podemos perceber, o ensino de geografia possui um compromisso para com a sociedade, instigando alunos e professores a construir uma visão crítica sobre seus espaços. Este conhecimento é mediado pelo professor e gerado na relação entre a representatividade subjetiva dos alunos e a “objetividade” da ciência geográfica.

A qualidade da pesquisa qualitativa no ensino da geografia deve ater-se as questões aqui levantadas. Ao tratarmos da qualidade formal e política devemos questionar com qual geografia estamos lidando e, a partir daí, traçar nossas intencionalidades filosóficas e ideológicas, nossos esforços práticos e nosso olhar sobre as condições sociais que se apresentam o objeto de estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre a qualidade da pesquisa qualitativa no ensino de geografia chegou até aqui amparada sobre o viés da qualidade formal e política, relacionando-a com a epistemologia desta ciência. Contudo é válido afirmar que esta não é uma tarefa fácil. Adquirir conhecimento sobre os próprios aspectos formais já requer certo grau de dedicação por parte do pesquisador. O caráter político advém da análise crítica sobre este regramento científico e o objeto de estudo. Porém, é necessário salientar que ambos não acontecem de forma separada e muito menos linear. O pesquisador, em sua jornada de estudos, encontra os aspectos formais e políticos imbricados. Há de certa forma, uma relação dialética entre estes dois quesitos.

Por fim, nos cabe atentar que a discussão sobre a qualidade das pesquisas realizadas no ensino de geografia é algo urgente, pois retrata para a sociedade a imagem desta ciência e disciplina escolar, na atualidade. O substancial aumento da qualidade do ensino de geografia, em nível escolar e acadêmico, requer uma análise mais próxima possível da realidade, e isto só ocorre com qualidade formal e política e consciência sobre a geografia que se faz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de pesquisa**, n. 113, p. 51-64, julho/2001.
- BRADSHAW, Matt; STRATFORD, Elaine. Qualitative Research: Design and Rigour. In: I. HAY (org). *Qualitative Research Methods in Human Geography*. 2. Ed. New York: Oxford University Press, 2005.
- CAVALCANTE, Márcio Balbino. Caminhos e descaminhos da metodologia do ensino da geografia: uma abordagem crítica. **Revista Partes** [online], 2008. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/geografiacritica.asp>. Acesso em: 25/07/2012.
- CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 2003, 16(2), p. 221-236. Universidade do Minho.
- DEMO, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 89-104, abril 1998.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992. 214p.

- WACHOWICZ, Lílian Ana. A dialética na pesquisa em educação. **Revista Diálogo Educacional** - v. 2 - n.3 - p. 171-181 - jan./jun. 2001
- WINCHESTER, Hilary P. M. Qualitative Research and its Place in Human Geography. In: I. HAY (org.). *Qualitative Research Methods in Human Geography*. 2. Ed. New York: Oxford University Press, 2005.
- SILVA, Luiz Etevaldo da. Educação com qualidade: sentido e significação. **Revista de pedagogia perspectivas em educação**. Ed. n. 07, ano 3. 2009.